

WEDNESDAY MARTIN, PH.D.

Primatas da Park Avenue

TRADUÇÃO DE LOURDES SETTE



Copyright da tradução para o português © 2015 by Intrínseca
Copyright © 2015 by Wednesday Martin
Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo
com a editora original, Simon & Schuster, Inc.

NOTA

Este é um livro baseado em memórias e reflete minhas vivências ao longo de vários anos. Alguns nomes e detalhes facilmente identificáveis foram modificados e alguns personagens são inspirados em mais de um indivíduo. A fim de dar fluidez à narrativa e preservar a identidade de algumas pessoas, a cronologia dos acontecimentos foi alterada ou condensada.

TÍTULO ORIGINAL

Primates of Park Avenue: A memoir

PREPARAÇÃO

Marluce Faria

REVISÃO

Nina Lua

Luísa Ulhoa

DIAGRAMAÇÃO E TRATAMENTO/COMPOSIÇÃO

DAS IMAGENS DE CAPA E MIOLO

ô de casa

CAPA

Claudia Warrak

IMAGENS DE CAPA

Loomis Dean/The LIFE Picture Collection/Getty Images

George Marks/Retrofile RF/Getty Images

ILUSTRAÇÕES

Andreas Gurewich

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M334p

Martin, Wednesday

Primates da Park Avenue / Wednesday Martin ; tradução
Lourdes Sette. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

272 p. ; 21 cm.

Tradução de: Primates of Park Avenue: a memoir

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-8057-848-5

1. Antropologia social. 2. Antropologia urbana. 3. Psicologia
social. I. Título.

15-26174

CDD: 306

CDU: 316.7

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99 / 3ª andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel. / Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Blossom e Daphne. E para todas as mães.

SUMÁRIO

	Introdução	9
CAPÍTULO UM	<i>Comme il faut</i>	25
CAPÍTULO DOIS	Pária do <i>playdate</i>	57
CAPÍTULO TRÊS	Virando nativa: mamãe quer uma Birkin	90
CAPÍTULO QUATRO	Gueixa de Manhattan	118
CAPÍTULO CINCO	Uma noitada em casa com as meninas	143
CAPÍTULO SEIS	Um ansiolítico e um bloody mary: as mães de Manhattan à beira de um ataque de nervos	178
CAPÍTULO SETE	Um dia chuvoso	210
CAPÍTULO OITO	Notas de campo resumidas	244
	Bibliografia	261
	Agradecimentos	267

INTRODUÇÃO

Um dos primeiros presentes que ganhei após o nascimento do meu primeiro filho foi um livro sobre bebês, dado por uma velha amiga, que tem dois filhos e ainda mora na cidadezinha de Michigan onde nós duas crescemos. O presente não apenas celebrava a chegada do meu filho, mas também era prova de que eu agora vivia na cidade de Nova York, um lugar muito diferente daquele onde passamos nossa infância. *Urban Babies Wear Black* é um livro cartonado, com ilustrações fantásticas e que lista, com a concisão de uma aula de sociologia de cinco minutos, exatamente como os bebês urbanos são diferentes — começando pelas roupas (pretas e chiques *versus* fofinhas cor-de-rosa ou azuis), passando pelo que comem e bebem (sushi e latte *versus* cachorro-quente e leite) e pelos seus passatempos (idas a óperas e galerias de arte *versus* parquinho). Tenho certeza de que gostei mais do livro do que meu filho. Em suas primeiras semanas em casa, eu o li várias vezes para ele. Às vezes, até me peguei lendo-o enquanto ele dormia.

Mais tarde, ocorreu-me que o livro era atrativo por também ter algo a dizer sobre as *mães* dos bebês. Tais criaturas eram visíveis

apenas em vinhetas pequenas e fascinantes — um salto alto aqui, uma elegante coleira de cachorro ali — enquanto passeavam, praticavam corrida, andavam de táxi e carregavam seus bebês pelas páginas do livro, tornando-os chiques e urbanos, sendo elas mesmas chiques e urbanas. Examinei minuciosamente as unhas feitas e os cangurus forrados de pele enquanto lia em voz alta para meu filho. Quem eram, afinal, aquelas mulheres glamorosas e elegantes com seus bebês sofisticados? O que faziam? E como faziam aquilo?

Eu queria ver mais essas mães de bebês urbanos porque queria conhecer melhor meus pares: as outras mães de Manhattan. Por ser uma mulher com filhos no Ocidente industrializado, eu era uma mãe totalmente diferente daquelas sobre as quais estudei e escrevi ao longo dos anos em meus trabalhos como pesquisadora social; meu foco, entre outras coisas, estava na história e na pré-história evolutiva da vida familiar. Caçadoras-coletoras, vivendo tal como nossos antepassados, criam seus filhos em comunidade, em uma rica rede social de mães, irmãs, sobrinhas e outras mulheres com as quais podem contar para cuidar dos filhos umas das outras (e até mesmo amamentá-los) como se fossem seus. Minha mãe tinha uma versão desse sistema de apoio quando meus irmãos e eu éramos pequenos em Michigan: mais de uma dezena de mulheres da vizinhança que não trabalhavam fora e eram famílias postizas a quem ela podia recorrer para que cuidassem de nós caso precisasse resolver algo fora de casa, tirar uma soneca ou se simplesmente desejasse a companhia de um adulto. Nesse meio-tempo, convivíamos com outras crianças. Os quintais enredavam casas, mães e filhos em uma teia de altruísmo recíproco: você me ajuda, eu ajudo você. Hoje eu vigio as crianças da minha janela, você faz o mesmo amanhã. Obrigada pela farinha; vou trazer uma fatia ou duas do bolo quando estiver pronto.

Em contraste, meu bebê nova-iorquino e eu vivíamos de uma forma intensamente privada, apesar de estarmos perto de muitas

outras pessoas. Eu mal *via* minhas centenas de vizinhos de Downtown, os quais estavam ocupados demais com as próprias vidas. Tudo que faziam ocorria em espaços (escritórios, apartamentos, escolas) fora da visão do público. Por ter deixado meu grupo de origem e estar vivendo longe da minha terra natal, eu não tinha nenhum familiar a quem recorrer. Meus parentes adotivos mais próximos eram meus sogros idosos, que adoravam nos ver, mas não tinham condição de ajudar. E, uma vez que a residência nos Estados Unidos é neolocal — após o casamento, deixamos nossas famílias estendidas para formar a nossa própria —, eles ainda por cima estavam a meia hora de carro.

Enquanto isso, meu marido, como o meu pai e tantos outros pais no Ocidente, sobretudo os de Manhattan — uma área extremamente cara em que a pressão financeira sobre os provedores com dependentes é tremenda —, retornou ao trabalho depois de apenas uma semana em casa comigo e com o bebê. Por um tempo tivemos uma enfermeira, presença certa na infância de Manhattan, contratada por acordo verbal para ajudar com aquelas noções básicas de cuidados com bebês que costumavam ser ensinadas por nossas mães e avós. Ela chegava alegre todas as manhãs para dar uma ajudinha e me lembrar das minhas breves aulas de puericultura dadas na maternidade e também da época longínqua em que fui babá. No entanto, tirando a enfermeira e os amigos que vinham nos visitar, na maior parte do tempo eu ficava sozinha com nosso recém-nascido e com minha ansiedade por fazer tudo certo dia após dia.

Eu também era um pouco reclusa. Tínhamos um jardim adorável, uma pequena joia na parte de trás da casa onde eu gostava de me sentar com o bebê. Fora isso, eu quase não tinha vontade de sair. Taxistas camicases, uma multidão de transeuntes apressados, britadeiras e buzinas faziam a cidade que eu amara por mais de uma década parecer agora inóspita, até

mesmo perigosa, para meu filho. Uma grande amiga, que dera à luz um pouco antes de mim, ficou tão desencantada com a maternidade na cidade grande que fugiu para as áreas residenciais, mais afastadas. E eu não tinha feito nenhuma amiga no estúdio de ioga Mommy & Me mais próximo. Embora nenhuma parecesse trabalhar fora, as mães novatas que se contorciam nas posições de ioga se dispersavam com acenos de cabeça educados após a aula todos os dias, provavelmente para se trancarem em suas próprias casas com seus próprios bebês e suas próprias atividades.

Quem, eu sempre me perguntava, me ensinaria a ser a mãe urbana de um bebê urbano?



Nascida no Meio-Oeste, tive uma infância devagar e relativamente tradicional. Todas as manhãs, ia para a escola e voltava para casa com um grupo de crianças do bairro, de idades variadas; depois, brincava de chutar latas e ficava à toa nos quintais e bosques próximos com elas, sem nenhum adulto por perto, até o início da noite. Nos fins de semana, todos nós andávamos de bicicleta e participávamos do grupo dos escoteiros ou das bandeirantes. Quando fiquei mais velha, passei a trabalhar como babá em algumas noites e nos fins de semana também, um primeiro trabalho lógico para uma irmã mais velha bastante participativa, e um passatempo popular entre as jovens pré-reprodutoras de nosso bairro.

Talvez a única coisa notável sobre o ambiente em que fui criada, a única que poderia me ajudar a me situar agora, tenha sido o fascínio da minha mãe pela antropologia e pelo campo então nascente da sociobiologia. O livro *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*, de Margaret Mead, era um de seus favoritos. A sugestão de Mead de que o estilo ocidental de infância e adolescência não era o único ou o certo e de que o dos samoanos talvez fosse

melhor scandalizou o país quando o livro foi lançado, em 1928, e de novo quando foi reeditado em 1972. Mead, explicou minha mãe, era antropóloga. Estudava as pessoas em culturas diferentes, aprendendo sobre elas ao viver entre elas e fazendo o que faziam. Depois, escrevia sobre isso. Ser antropóloga parecia um trabalho incrivelmente exótico, glamoroso e atraente para alguém como eu, que cresceu cercada de mães que eram quase todas donas de casa e de pais que eram quase todos médicos ou advogados.

Aquela também foi a época de Jane Goodall, uma loira de rabo de cavalo, sedutora em suas calças cáqui e capacete de cortiça, que se tornou a face pública da primatologia. Goodall — que observou e protegeu um bando de chimpanzés de Gombe, na Tanzânia, apresentando-os ao mundo por meio da *National Geographic* — era a minha ideia de estrela do rock. Nos jantares em minha casa, conversávamos sobre como tinha sido o dia do meu pai, o da minha mãe, o que eu e meus irmãos tínhamos feito na escola e sobre Mary Leakey, mãe de três filhos, amante de charutos, cujas descobertas de fósseis na Garganta de Olduvai e em Laetoli, na Tanzânia, obrigaram todo mundo a repensar a pré-história humana.

Quando meus irmãos mais novos brigavam durante o jantar, minha mãe invocava as teorias de Robert Trivers sobre investimento parental e rivalidade fraterna. Quando eram bonzinhos, ela falava sobre a seleção de parentesco e o altruísmo. Não era estranho, refletiu ela um dia, quando eu tinha cerca de dez anos, obviamente com E. O. Wilson em mente enquanto dobrava a roupa lavada, que se eu estivesse prestes a ser atropelada por um carro e ela me puxasse, o fizesse para proteger não apenas a mim, mas também a seus próprios genes?

Essa abordagem nada sensível (embora bastante simplificada, por volta de 1975) da sociobiologia da maternidade, essa teoria inteiramente nova das relações entre pais e filhos, chamou minha atenção. Junto com a coleção de livros de minha mãe — Mead se

misturava com livros de Colin Turnbull sobre o povo ik de Uganda e os pigmeus mbuti do Zaire, Betty Friedan, *O relatório Hite, Primavera silenciosa* e pilhas imponentes da *Natural History Magazine* —, provavelmente foi o que me levou a estudar antropologia biológica e cultural, com foco na vida de mulheres. Nada me fascinava mais do que a catação, as amizades e as lutas pela liderança entre os babuínos da savana. Ou a estranheza de mundos dentro de mundos, como o sistema das irmandades e fraternidades de meu campus universitário, com seus rituais coreografados de escolha de novos membros e as lealdades e rivalidades intensas. Estudei macacos do Velho e do Novo Mundo, o tamanho dos cérebros do *Homo habilis* e do *Homo ergaster*, e escrevi sobre como as garotas das irmandades não eram muito diferentes dos grandes macacos.

Aos vinte e poucos anos, quando buscava novas emoções, me mudei para Nova York para fazer o doutorado em estudos culturais e literatura comparada. Manhattan mudou tudo em mim: meus objetivos (terminei o doutorado, mas decidi não seguir a carreira acadêmica); meu senso de moda (as roupas, que sempre me interessaram, tornaram-se uma fixação em uma cidade cheia de mulheres belas e bem-arrumadas); até mesmo quem eu era em nível celular (a simples euforia de estar em uma cidade grande alterou meus níveis de cortisol e meu metabolismo, transformando-me no estereótipo da *manhattanita* magra e insone). Energizada, escrevia e revisava para revistas e ministrava alguns cursos em minha área para pagar o aluguel.

Aos trinta e poucos anos, tendo postergado o casamento e a chegada dos filhos como tendem a fazer as mulheres com alta formação em metrópoles muito opulentas, casei com um nativo sarcástico com profundas raízes profissionais e emocionais na cidade. Ele nasceu e cresceu aqui, uma realidade tão exótica e atraente para mim quanto, digamos, ser taitiano. Ou ser samoano. Ele tinha um conhecimento detalhado e agradavelmente nerd da

história da cidade e parecia ter uma lembrança pessoal para quase toda esquina, prédio e bairro. Se eu tinha alguma dúvida quanto a construir uma vida em Nova York, ele a dissipou com sua paixão pelo lugar. Um atrativo adicional era o fato de seus pais, o irmão e a cunhada morarem aqui, além das filhas adolescentes de seu casamento anterior, que passavam os fins de semana com ele. Sua família era acolhedora e serviu como substituta para mim, uma vez que a minha estava tão longe.

Nova York tinha o benefício extra de ser um dos poucos lugares em que uma escritora como eu poderia prosperar, em nichos tão diversos quanto publicidade, mercado editorial e ensino. Apinhada de gente e vivaz, a cidade me lembrava uma floresta tropical, o único outro hábitat que poderia suportar uma variedade tão extrema e vigorosa de formas de vida. Certa época, morei em um bairro indiano que era colado a um peruano; em seguida, fui para perto de um enclave chamado Pequena Suécia. Meu marido não queria se mudar, e eu não via problema nisso. Nós nos instalamos em Downtown e, aos seis meses de casada, engravidei. Nunca cogitamos deixar Nova York. Afinal, meu marido tinha sido criado aqui, e eu havia me dado ao trabalho de cruzar o país para morar em Manhattan. Por que a cidade não seria boa o suficiente também para os nossos filhos? E assim o momento da descoberta — *Vamos ter um filho!* — não foi apenas uma alegria pessoal. Foi também o começo de algo muito maior do que eu, meu casamento, minha história ou meus sentimentos sobre ser mãe. Ele marcou uma transição que só vim a perceber mais tarde: minha iniciação em um outro mundo, o mundo da maternidade em Manhattan.



Este livro é uma história mais estranha do que qualquer ficção, resultado do que descobri quando transformei minha vida em uma

experiência acadêmica ao estudar a maternidade em Manhattan. É a história de um mundo dentro de outro mundo — uma descrição que não emprego à toa. Nós nos mudamos para o Upper East Side logo após o 11 de Setembro, desejando tanto a distância física da tragédia quanto a proximidade da família de meu marido. O último motivo era especialmente importante agora que tínhamos um filho. Num momento em que o mundo parecia tão perigoso e nossa cidade, tão vulnerável, ansiávamos dar a ele e a nós mesmos o conforto de um círculo seguro de parentes amorosos. Essa seria a parte fácil. Eu também teria de aprender sobre as outras mães e conviver com elas.

Por fim, escolhemos a Park Avenue, lá pela 70th Street. De meu acampamento-base, fui para os grupos Mommy & Me, me inscrevi em aulas de música de alto padrão, discuti com babás, tomei café com outras mães e “me candidatei” a pré-escolas, tentando uma vaga para o meu primogênito e, mais tarde, para o meu caçula.

No processo, aprendi que a maternidade era outra ilha na ilha de Manhattan, e que as mães do Upper East Side eram, na verdade, uma tribo à parte. Tal tribo era um tipo de sociedade secreta regida por regras, rituais e padrões de migração inteiramente novos para mim, além de ser marcada por crenças, ambições e práticas culturais que eu sequer imaginara que existiam.

Tornar-me uma mãe do Upper East Side, aos poucos me estabelecendo, interagindo e visitando o parquinho, foi uma experiência que enfrentei com certo receio. A vizinhança onde pousáramos, ultrarrica e consciente de seu status, além das mães aparentemente esnobes muito bem-vestidas ao meu redor, parecia estranha e intimidadora. Mas, como uma primata de ordem superior e como os humanos no mundo inteiro, eu ansiava por me encaixar para meu próprio bem e, ainda mais, para o bem de meu filho — e posteriormente para meu outro filho também.

Eu sabia muito bem, por ter estudado literatura e antropologia, que, sem um sentimento de pertencimento e sem de fato pertencer, nós, os grandes símios, ficamos perdidos. Na literatura e no mundo real, os excluídos podem ser anti-heróis interessantes com os quais conseguimos nos identificar, mas, em geral, são infelizes. De Ulisses a Daisy Miller, de Huck Finn a Hester Prynne, de Isabel Archer a Lily Bart, os párias e os excluídos sociais, sobretudo os do sexo feminino, não se dão bem. Desprotegidos, sem o apoio de uma rede de relacionamentos, eles morrem figurativamente e às vezes literalmente, não apenas nas páginas dos livros, mas também na sociedade e na vida selvagem, conforme documentado de forma consistente pelos biólogos de campo. E não há ninguém em situação de maior perigo do que uma fêmea primata transferida para um grupo novo com um recém-nascido. Os primatólogos afirmam, por exemplo, que as mães chimpanzés que tentam se juntar a um grupo de estranhos costumam ser vítimas de assédio e violência física excruciante por parte das fêmeas já estabelecidas; às vezes elas e seus filhotes chegam a ser mortos pelos pares aos quais buscavam se integrar.

É claro que ninguém estava me caçando enquanto eu tentava descobrir meu lugar no Upper East Side, pelo menos não no sentido literal. No entanto, encontrar um jeito de entrar no grupo e conquistar a aceitação dele era importante para mim, era até mesmo urgente. Quem quer ficar de fora? Quem não quer ter amigas para tomar um café depois de deixar os filhos na escola? Quem não quer que os filhos tenham coleguinhas para brincar dentro e fora da escola? Meus sogros e meu marido ajudaram, me ensinando onde comprar comida e explicando as regras bizantinas das festas de gala, dos *bar* e *bat mitzvahs* exageradamente luxuosos, dos clubes, dos conselhos de moradores, além de outros ritos e práticas que eu desconhecia, mas que eram próprios à nossa nova vizinhança. Contudo, a cultura das mães do Upper

East Side era algo singular, meu enigma pessoal a ser resolvido, já que eu era uma mãe que queria — precisava — fazer parte do jogo. Sim, eu fizera muitas incursões ao Upper East Side desde que chegara a Nova York. Sabia que era exuberante, endinheirado e privilegiado. Sabia que simplicidade não tinha nada a ver com o Upper East Side. Sabia que o uniforme, a filosofia e o *ethos* não eram os mesmos que prevaleciam em Downtown. Entretanto, não havia como fincar o pé no secreto mundo-dentro-de-outro-mundo que era a *maternidade* do Upper East Side sem ingressar nele. Se não tivesse filhos, talvez eu nunca percebesse esse universo parental paralelo de criações e infâncias privilegiadas. No entanto, por ter filhos, estava mais do que fascinada por ele — sentia-me obrigada a entendê-lo, a me infiltrar nele, a decifrar seu código cultural. Conhecer as mães que me rodeavam, aprender a fazer o que faziam do jeito delas e tornar-me uma mãe do Upper East Side foi uma jornada tão estranha e inesperada que nada do que tinha estudado ou vivenciado — nem os ritualísticos saltos por cima de vacas e as ingestões de sangue dos masai ou as lutas de machado dos ianomâmi na Amazônia, tampouco os bacanais ritualizados para a escolha de membros de irmandades das universidades da divisão Big Ten de rúgbi — poderia se comparar com aquilo ou me preparar para o que estava por vir.

A infância no Upper East Side é singular independentemente do padrão adotado. Há motoristas, babás e passeios de helicóptero até os Hamptons. Há aulas de música “ideais” para crianças de dois anos, tutores para as de três em preparação para as provas e entrevistas de admissão ao jardim de infância, além de consultores de brincadeiras para as de quatro que não sabem como brincar por não terem tempo para isso, já que têm tantas “aulas enriquecedoras” (francês, mandarim, centros de desenvolvimento infantil e aulas de culinária, bem como de golfe, tênis e canto) depois da pré-escola. Há consultores de moda para ajudar as mães a com-

prar as roupas certas para levarem e buscarem os filhos na escola. Há saltos altíssimos e casacos de pele deslumbrantes da J. Mendel e da Tom Ford não só em parquinhos, mas também em festinhas de aniversário que custam pelo menos cinco mil dólares, em apartamentos tão grandes e com pés-direitos tão altos que podem abrigar — e de fato abrigam — castelos infláveis de tamanho real.

Se a infância aqui é peculiar, a maternidade é ainda mais bizarra. Aprendi em primeira mão quais “objetos” definem a vida das mães privilegiadas e perfeitas com quem convivi. Descobri que suas identidades são construídas por meio de ritos de passagem cruéis e específicos do Upper East Side: a entrevista com o conselho de moradores e de “continuidade pós-maternal”, na qual as crianças são encaminhadas a outras escolas; as seitas da *Physique 57* e da *SoulCycle*, onde mulheres altamente instruídas, quase sempre subempregadas e ricas, que passei a considerar as gueixas de Manhattan, convertem a alardeada ambição profissional em aperfeiçoamento físico. Há uma busca obsessiva por itens de luxo quase impossíveis de adquirir (como a minha própria, quando “virei nativa”, por uma bolsa Birkin) e “tráfico” de informações privilegiadas, como de que maneira contratar, por trás dos panos, um guia da Disney com passe para deficientes a fim de evitar as filas. A identidade de uma mãe do Upper East Side também emerge de seus relacionamentos tensos e complicados com as mulheres que contrata para ajudar a criar os filhos e a cuidar da casa (ou casas). Aprender sobre a maternidade no Upper East Side a leste da Lexington Avenue convivendo e aprendendo com as mães dali, descortinou um mundo que me empolgou, fascinou, educou e, de vez em quando, horrorizou.

As mulheres que me ensinaram a ser uma mãe do Upper East Side podiam ser implacáveis ao defenderem sua prole — e a si mesmas. Claro, elas eram mães amorosas, mas também chefes de dinastias empreendedoras, determinadas a serem bem-sucedidas e,

portanto, a terem filhos “bem-sucedidos”. Por exemplo, nenhuma delas admitia nem mesmo para as melhores amigas que o filho de três anos tinha feito um curso preparatório para o exame ERB de acesso ao jardim de infância. Mas todas faziam isso — arranjando tutores por meio do boca a boca, às vezes gastando milhares de dólares em aulas particulares — por amor, medo e ambição pura e simples, em iguais proporções. Além disso, muitas agendavam visitas para seus filhos brincarem com a “descendência alfa” dos ricos e influentes, na tentativa de ascender na hierarquia invisível, porém onipresente e poderosa, que organiza a vida aqui, estrategicamente descartando as crianças com pais “de nível inferior” como o fariam com um Band-Aid usado. Fiquei chocada ao perceber que, no caso de algumas mulheres com quem convivía na vizinhança e conversava nos corredores da escola, os filhos eram outra maneira de “ostentar” — mais como bibelôs do que bebês, alguém para quem comprar as coisas certas, inundar com o tipo certo de atenção dos melhores especialistas, alimentar com os melhores e mais saudáveis alimentos e ajudar a ingressar nas escolas mais prestigiadas. Tenho de admitir: por vezes, minha aventura me deixava desiludida.

Descobri que o outro lado da ambição e da agressividade dessas mulheres é uma ansiedade extraordinária. A pressão para fazer tudo certo, para ser a mãe perfeita, perfeitamente integrada, perfeitamente vestida, perfeitamente sensual, e o tempo e a energia dedicados a tudo isso pareciam deixar algumas à beira de um colapso. Para remediar tal situação, apelavam para a bebida, para os medicamentos com receita, para as “festas pelo mundo” com as amigas em Vegas, St. Barths e Paris, em seus jatinhos particulares, para os exercícios físicos e cuidados pessoais compulsivos (bicicleta ergométrica, caldo de tutano e dieta de sucos naturais, orgânicos e prensados a frio são os mais populares), para a compra de roupas e acessórios estonteantes (entre as mulheres que conheço, “pré-liquidação”

é um verbo, e gastar 10 mil dólares na Bergdorf Goodman ou na Barneys em um só dia não é necessariamente um exagero), e para os almoços e banquetes ou dias em spas com amigas muitas vezes igualmente ansiosas, e às vezes “aminimigas” invejosas.

A princípio, meu objetivo era assimilar e, ao mesmo tempo, manter certa distância do estresse, da loucura e da cultura de competitividade das mães do Upper East Side. Eu acreditava que minha formação em pesquisa social e antropologia me ajudaria a manter a sanidade e os meus pés no chão enquanto conquistava um lugar para meus filhos e para mim mesma em um mundo que, às vezes, parecia inóspito. Entretanto, como antropólogos pelo mundo todo, em dado momento me descobri “virando nativa”. Esse é o termo para o que acontece quando o cientista de campo resvala da objetividade para a identificação com as pessoas que está estudando, cruzando a linha que separa compreender e “se tornar” uma delas em essência. Minhas conexões com meus amigos de Downtown se desgastaram à medida que eu me empenhava em trabalhar, criar meus filhos e cultivar amizades com as mães de Upper East Side, e pouco a pouco, mesmo sem perceber, passei a me vestir, agir e pensar mais como as mulheres ao meu redor e a me preocupar com as coisas com as quais elas se preocupavam. Seu mundo era, na mesma proporção, estranho, sedutor e alienante para mim, mas o meu desejo de tentar encontrar um lugar entre elas era surpreendentemente forte.

Para minha sorte, acabei fazendo amigas na tribo de mães sofisticadas que conheci no Upper East Side. Não é fácil conseguir uma amizade verdadeira e solidária em um ambiente social com hierarquia rígida, em que disputas, competição, insegurança generalizada e estresse são a norma. Os rituais, as regras e as práticas da tribo eram em grande parte estranhos, e com frequência irritantes para mim. Assim também foi a atitude de superioridade e indiferença que enfrentei no início. Tais características eram o

diferencial dessas mulheres. Contudo, vi que elas tinham muito em comum com as mães de qualquer cidade no mundo. Nos momentos difíceis, muitas vezes se uniam e cuidavam umas das outras de maneiras inesperadas e extraordinárias. O milenar e universal imperativo evolutivo de nossa espécie e de tantos outros primatas de cooperar e cuidar uns dos outros transpassa, caracteriza e define a maternidade e a amizade entre as mulheres em todos os lugares. Até mesmo no Upper East Side exuberante, atlético, hipercompetitivo e megaendinheirado.

O que percebi — e ainda percebo — de mais singular entre essas amigas específicas era a sua generosidade e vontade de traduzir para mim aquele mundo que compreendiam melhor do que eu, o entusiasmo em partilhar conhecimentos sobre aquele universo, a ironia com relação à vida que elas próprias e outras ao seu redor levavam. E o senso de humor. “Qualquer uma que não entenda como nossa vida é ridícula e exagerada, e como tudo isso é engraçado e louco, não serve mesmo para ser nossa amiga”, disse-me uma mãe quando, meio a sério, meio brincando, expressei minha preocupação de que, depois que todos ficassem sabendo do meu projeto, ela pudesse ter problemas por ter sido vista comigo. Eu tinha medo de escrever este livro. Entretanto, ela e outras me tranquilizaram ao me mostrarem que, mesmo nos contextos mais estranhos e desconcertantes e nos mundos de aparência mais esquisita, existe uma boa porção de normalidade, e também ao me lembrarem de que, até em climas aparentemente inóspitos e hostis, há carinho e bondade genuínos a serem celebrados.

Em meus anos de estudo e convivência entre elas, como pesquisadora social e mãe, aprendi que as mulheres com filhos do Upper East Side querem aquilo que as mães em todo o mundo querem para seus rebentos: que sejam saudáveis e felizes, se sintam amados, prosperem e, um dia, sejam alguém na vida. Mas as semelhanças param aí. A menos que se tenha sido criado em Manhattan, e talvez até mesmo

se tiver sido, nada sobre a infância no Upper East Side parecerá natural. E, por extensão, a menos que tenha sido criado por uma mãe do Upper East Side, nada sobre a maternidade aqui parecerá lógico, simples ou senso comum. Aprendi da maneira mais difícil que as mães do Upper East Side não nascem ao darem à luz. Elas são construídas. Esta é a história de como fui construída, e reconstruída, e como muitas vezes senti que me desconstruí. Trata-se de considerações sobre uma parcela pequena da maternidade em uma ilha minúscula e uma reflexão sobre o que isso pode significar para todas as outras pessoas.